

Figuras públicas ou celebridades? A esfera pública e a representação da intimidade do casal Temer no jornalismo brasileiro*

Public figures or celebrities? Public sphere and intimacy's representation of Temer couple in Brazilian journalism

Daniela Reis do Nascimento**

Resumo

Este artigo estuda as confluências entre a narrativa midiática da vida privada de celebridades e o discurso jornalístico a respeito de figuras públicas. Para tanto, aborda as estratégias de construção de imagem adotadas por políticos e veículos de imprensa, assim como propõe um percurso histórico que se detém nas mudanças das noções de público e de privado ao longo do tempo. Desse modo busca-se refletir sobre como a “extimidade” perpassa a constituição da esfera pública na atualidade. Para fins heurísticos, reportagens do portal G1 e do site da revista *Veja* sobre o casal Temer são brevemente analisadas.

Palavras-chave: Discurso jornalístico; Intimidade; Esfera pública.

Abstract

This article studies the confluences between media narratives about the private life of celebrities and the journalistic discourse regarding public figures. To do so, it approaches the image construction strategies adopted by politicians and media companies, as well as proposes a historical path that investigates how the notions of public and private have changed over time. Therefore, the intention is thinking over the way “extimacy” influences the public sphere constitution in present time. For heuristic purposes, stories from G1 portal and *Veja* magazine's website about the Temer couple are briefly analyzed.

Keywords: Journalistic discourse; Intimacy; Public sphere.

* Trabalho apresentado no GT 4 – Comunicação, Narratividade e Discursos Midiáticos – do XIV PosCom PUC-Rio, de 21 a 24 novembro de 2017.

** Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, da Universidade Federal Fluminense; e-mail: dani_reis8@yahoo.com.br.

1. Introdução

Os discursos jornalísticos sobre os campos da política e do entretenimento mantêm-se tradicionalmente apartados, em editorias próprias. Ainda assim, não é raro que estes espectros da vida pública se mesquem e influenciem ao sabor dos acontecimentos cotidianos. É possível que o jornalismo impacte largamente nesta sobreposição: os relatos noticiosos parecem configurar-se como um substrato a partir do qual a hibridização entre política e entretenimento adquire densidade no imaginário coletivo.

Uma notícia publicada no portal G1 em 26 de julho de 2016 pode ilustrar o referido fenômeno. Ainda que se insira na editoria de Política, a reportagem poderia encontrar lugar junto às colunas sobre a vida de celebridades. O título da matéria, “Temer e Marcela buscam filho na escola no primeiro dia de aula em Brasília”, e o vídeo que o segue corroboram para tal suposição: na cena, o enquadramento revela que um repórter fotográfico posicionado atrás de uma cerca de proteção registra as imagens que se desenrolam poucos metros à frente. Michel Temer, o então presidente interino do Brasil, caminha ao lado do filho pelo espaço exterior de uma escola, acompanhado de perto por sua esposa, Marcela Temer. Referenciado no texto como “Michelzinho”, o menino traz consigo uma mochila de rodinhas. O ocupante do mais alto cargo político do poder Executivo brasileiro avista a câmera, sorri, levanta a mão em um cumprimento e sugere ao filho que faça o mesmo. Temer não parece desprevenido, tampouco incomodado.

Tal episódio é simbólico para ilustrar certa tendência que não é nova¹, mas que parece se fortalecer entre distintos veículos de comunicação no Brasil. Trata-se da representação de um cotidiano doméstico de figuras políticas, que se afasta dos domínios tradicionais da vida pública. Se na cultura de celebridades a exposição da intimidade parece ter se institucionalizado como um dos elementos que compõem a narrativa dos famosos, no campo da política tal requisito não costuma aparecer em primeiro plano, mas, de tempos em tempos, ocupa o centro a atenção midiática.

Este artigo originou-se da observação de que a exposição da intimidade do casal Temer no jornalismo brasileiro parece ressoar traços comuns à cobertura midiática de celebridades². A partir de tal inquietação, problematiza as consequências deste enfoque para as discussões da esfera pública. A fim de cumprir com o que se propõe, o estudo se inicia com a apresentação de conceitos que no senso comum apresentam sutis variações de sentido, tais como celebridade, herói, ídolo e figura pública.

Posteriormente, trata de estratégias de construção de imagem e reflete sobre o efeito destas na reprodução de fatos, eventos e personalidades que se consolidam como notícia. Depois, delineará um breve percurso histórico acerca do desenvolvimento das noções de “público” e “privado”, o que encaminhará a discussão para a análise das transformações da esfera pública. Para fins heurísticos serão analisadas as reportagens “Marcela Temer: bela, recada e do lar” (LINHARES, 2016), do site da revista Veja, e “Temer e Marcela buscam filho na escola no 1º dia de aula em Brasília”, do portal G1 (MATOSO, 2016).

2. Herói, figura pública, ídolo ou celebridade: em busca de definições

As recorrentes referências ao livro *The image: a guide to pseudo-events in America* (BOORSTIN, 1992) indicam que o próprio texto alcançou certo status de fama entre autores dos *celebrity studies*, área de pesquisa que se debruça sobre a temática das celebridades. Na visão de Boorstin (1992) a celebridade configurar-se-ia como um pseudoevento humano, ou seja, uma construção simbólica propositalmente fabricada com o intuito de suprir as expectativas da sociedade para a grandiosidade da espécie.

Enquanto os heróis precisavam construir prestígio a partir de suas ações, a celebridade poderia ser produzida por outrem a partir de atributos triviais de personalidade. Ao contrário da figura do herói, o pseudoevento humano não teria necessariamente que executar façanhas grandiosas, pois os seus feitos seriam coadjuvantes em relação à outra realização: a capacidade de adquirir visibilidade. Dentre as referências à obra, mostra-se especialmente célebre a seguinte definição: “The celebrity is a person who is known for his well knowness” (BOORSTIN, 1992, p. 57). Ainda que seja popular no meio acadêmico, a afirmação parece estar longe de consolidar-se como unanimidade e, não raramente, autores distintos retornam a esta para modificar, complementar ou atualizar o seu sentido.

Little (2015) é um dos autores que criticaram as proposições de Boorstin (1992). Ele ressalta que qualificar a cultura de celebridade como falsa é uma posição frágil, pois encobre componentes capazes de conferir-lhe substância, tais como o investimento psicológico de fãs e audiência, os empreendimentos da indústria de relações públicas e o trabalho dos intermediadores culturais. O autor argumenta ainda que os elementos que envolvem o fenômeno têm uma história extremamente longa.

As observações de Van Krieken (2012) parecem estar em sintonia com este diagnóstico. O pesquisador investiga mais detidamente os movimentos históricos para sinalizar quais seriam, em sua visão, as influências essenciais para o estabelecimento do panorama contemporâneo da cultura de celebridade. Identifica, por fim, três fatores fundamentais: os rituais da sociedade de corte, o desenvolvimento da comunicação de massa e o recrudescimento do individualismo. Se atualmente a celebridade apresenta-se como um acontecimento histórico complexo, parece lógico questionar quais sentidos estariam acoplados às primeiras aparições do conceito.

A resposta para esta inquietação pode ser encontrada no trabalho do próprio Van Krieken (2012). De acordo com o autor, o vocábulo “celebritus”, do latim, remeteria não somente à fama como também à ideia de aglomeração. Por conseguinte, um indivíduo poderia ser famoso e, todavia, não agrupar uma multidão ao seu redor. Neste sentido a “aglomeração” não deve ser entendida como uma reunião em um mesmo espaço físico e a um só tempo, mas alude a certa festividade ou celebração em torno de uma pessoa que a converta em tópico de conversa cotidiana e a evidencie no imaginário social. Enquanto a fama consistiria em algo seguramente guardado e solidificado em pedra, a celebridade existiria em conversações, inspecionada e analisada pela sociedade em geral. A natureza banal do fenômeno seria responsável por conferir-lhe fragilidade e tempo de duração limitado quando comparado ao herói.

Feitas estas distinções iniciais, voltemo-nos para outras acepções que compartilham fronteiras com os referidos conceitos. Trata-se das noções de ídolo e de figura pública. Segundo França (2012), em sua origem a palavra “ídolo” concernia ao que se presta ao culto e à adoração, muitas vezes atrelado às figuras religiosas. Posteriormente, o termo ultrapassaria o domínio da espiritualidade e denominaria as pessoas que se tornam ícones naquilo que se propõem a fazer. No que se refere às figuras públicas, a autora comenta:

Figuras públicas como as pessoas que ocupam cargos ou posições que dizem respeito à vida coletiva de uma sociedade e, nesse sentido, devem se ater à ideia de bem comum e interesse público, necessitando dar transparência às suas ações e delas prestar contas à coletividade (FRANÇA, 2012, p. 16 e 17).

Diferentemente das celebridades, portanto, a visibilidade da figura pública justificar-se-ia como responsabilidade social e não como desejo de atrair atenção e de inserir-se nas conversações do dia a dia. A partir disto, pode-se assumir que, inicialmente, a expressão aparenta retratar o papel

de um indivíduo encarregado de um posto político na máquina pública. O presidente Michel Temer parece encaixar-se neste parâmetro, assim como a primeira-dama brasileira, Marcela Temer.

A notícia do portal G1 limita-se a descrever o programa em família, a apontar os fundamentos da mudança de escola do filho do presidente e, ao final, a reproduzir a declaração de Temer de que buscaria o filho na escola somente naquele dia. Ainda que esteja na editoria de Política, a matéria não traz à tona nenhuma novidade sobre o campo político. O evento noticiado remete à esfera familiar, e o seu propósito não parece ser prestar contas à sociedade, mas conferir visibilidade ao que o senso comum entende como vida privada de uma figura pública. Embora tal artifício figure com mais frequência nos relatos acerca de celebridade, a construção da imagem de um líder político a partir de seu cotidiano doméstico não é inédita nas representações que povoam o imaginário coletivo. Tal mecanismo era recorrente no contexto das monarquias absolutistas europeias, conforme veremos a seguir.

3. Construção de imagem do líder: de monarquias absolutistas à comunicação em massa

Anteriormente assinalou-se que a emergência da sociedade de corte teria sido um dos fatores essenciais para o estabelecimento da conjuntura contemporânea referente à cultura de celebridade. Van Krieken (2012) designa como sociedade de corte um tipo de formação social estruturado a partir de um ator central, o monarca, e as relações deste com atores mais fracos, que compõem a corte. Para o pesquisador, esta estrutura não pertence a um período histórico específico, mas teve como representações originárias as monarquias absolutistas da Renascença.

Neste modelo de sociedade, a posição dos membros dependia do capital social, que tanto era conquistado a partir das redes de relações quanto podia ser nestas consumido, frente à concorrência com outros atores. A instabilidade advinda do referido processo exigia que os integrantes se mantivessem informados sobre os acontecimentos e encenassem, para cada situação, o comportamento que poderia lhes conferir prestígio. Conscientes da sua própria influência e das engrenagens do poder, o monarca não apenas se preocupava com a imagem que ostentava perante a sociedade como também desenvolvia mecanismos para controlá-la.

Burke (2009) ilustra este panorama através da biografia de Luis XIV, monarca da França no século XVII mais conhecido como “Rei Sol”. Exemplo paradigmático da referida dinâmica, o líder consolidou-se como o eixo principal a partir do qual orbitavam os participantes da corte e a

totalidade das ações do Estado. O dia a dia de Luis XIV era tomado por rituais simbólicos que permitiam a glorificação de sua existência e serviam ao propósito de hierarquizar as relações de poder da nobreza. Em vez de reduzir tal estrutura a um sistema de bajulações ou a uma sequência de pseudoeventos, o autor salienta que é provável que os franceses acreditassem verdadeiramente na imagem idealizada do rei. O conjunto das ações da corte, portanto, não se reduzia a mera encenação, mas possivelmente respondia às necessidades psicológicas da coletividade.

Algo similar pode ser dito sobre a conexão desenvolvida entre fãs e celebridades no mundo contemporâneo. Meyers (2009) explica que a celebridade é um foco de tensão através do qual uma audiência pode construir sentidos na medida em que aceita ou rejeita os valores sociais encarnados pela personalidade em questão. As reações à reportagem “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”, da revista *Veja*, podem ilustrar a questão. O público identificou nas entrelinhas da matéria valores que remeteriam à vida doméstica, ao recato e a certa ideia convencional de moralidade.

Em resposta a essa interpretação, milhares de usuários de redes sociais online como Twitter, Facebook e Instagram reagiram justamente no sentido oposto: a manifestação mais comum dos internautas consistiu em publicar fotos que transgredissem o arquétipo da mulher limitada aos domínios do lar. De modo geral, espalharam-se imagens de mulheres em bares, pistas de dança ou praticando atividades tradicionalmente vistas como masculinas. Independentemente da imagem de Marcela que sobressaia no texto, não se pode assegurar que resulte de intenções da perfilada ou das fontes entrevistadas para a notícia.

A reportagem do G1, por sua vez, revela mais explicitamente que se trata de uma estratégia planejada pela equipe de comunicação de Temer. Um internauta que se dedique a ler o primeiro parágrafo do texto será informado de que aquele não representa o conteúdo exclusivo de um portal, mas de uma cobertura jornalística orquestrada pela assessoria do Palácio do Planalto com a intenção de propagar o evento por distintos veículos de imprensa. A reação falsamente espontânea de Temer indica que é provável que o então presidente interino estivesse a par do planejamento de sua equipe de comunicação. Em um momento no qual o processo de *impeachment* estava em tramitação, o objetivo da ação parece ser construir uma imagem para o político como pai e homem preocupado com a família.

Investir em representações a partir de aspectos com ares de cotidianidade não é uma tática nova na política, e como nos lembra Burke (2009), por intermédio do Rei Sol. Então, a constituição da imagem servia à exaltação do monarca como um indivíduo extraordinário que, por se diferenciar

dos demais, tinha o direito divino de governar. No caso de Temer, porém, a criação de uma *persona* no imaginário coletivo parece buscar uma identificação da população em geral com o político, uma figura que pretende se apresentar como ordinária e, segundo essa lógica, poderia representar o povo. Outra diferença clara consiste no emprego da comunicação de massa, via inalcançável no século XVII. Esse ponto afasta Temer de Luis XIV e aproxima-o de outro fenômeno, bem mais recente: a cultura de celebridades, sustentada em grande medida pela exposição midiática, voluntária ou não, de fatos que não coincidem com o conceito jornalístico clássico de informação de relevância pública.

As convergências entre políticos e celebridades no que se refere às estratégias de divulgação e à cobertura jornalística podem ser mais bem compreendidas com o conceito de celebritização, definido por Driessens (2014) como “as mudanças sociais e culturais contidas na celebridade” (p. 4). Para o autor, este seria um processo em nível social que extrapolaria o campo do entretenimento para influenciar também campos diversos como a política, a literatura e a medicina. No que tange à conexão com a política, sugere-se que o processo de celebritização empregaria a estrutura da comunicação em massa para construir imagens de figuras públicas que se detenham sobre aspectos da personalidade e do cotidiano doméstico.

4. Público e privado: uma transformação histórica

O senso comum que permeia a cultura ocidental hegemônica acerca do que deve constituir a vida privada dos indivíduos parece consistir em um processo de institucionalização que encobre os movimentos de seu desenvolvimento ao longo da história. Arendt (1997) quebra, em parte, este paradigma ao demonstrar como distintas práticas sociais foram substituídas por novas tipificações, mais condizentes com os valores propostos por sociedades de períodos posteriores.

A filósofa destaca que na Grécia clássica a diferenciação entre público e privado estruturava grande parte do pensamento da sociedade. Na época, o privado consistia na única ambientação possível para as mulheres. Representava o âmbito da intimidade, onde se desenvolviam as relações familiares e as atividades inerentes à sobrevivência. O público, por sua vez, era marcado pelo domínio político, no qual os homens poderiam transcender as necessidades da sobrevivência e alcançar fama duradoura. Se o privado restringia-se ao lar e ao contato com os que neste residiam, o público consistia na realidade da polis e na vida da coletividade.

Se avançarmos na linha temporal, percebe-se que esta distinção perdeu força durante a Idade Média. Elias (1994) registra que neste período histórico era comum que muitas pessoas passassem a noite no mesmo quarto. A noção de privacidade parecia diferir substancialmente do que veio a se tornar na Modernidade, quando o quarto de dormir passou a representar uma das áreas mais privadas e íntimas da vida humana. O processo civilizatório do século XIX impulsionou uma intensa revolução de costumes. Se nos séculos anteriores as pessoas tinham a expectativa de abordar outros cidadãos ou de serem abordadas por estes nas ruas, a partir do século XIX o silêncio passaria a preservar a privacidade, e os transeuntes zelariam pelo direito de não sofrer a interpelação de desconhecidos.

Consolidavam-se, então, novos modelos de conduta para o sujeito, que se distanciavam dos vigentes no século anterior, quando não somente o público significava uma vida que se passa fora do contato com a família e os amigos, como incluía também um campo da vida coletiva “em que grupos sociais complexos e díspares teriam que entrar em contato inelutavelmente” (SENNETT, 2014, p. 35). Ainda que esta perspectiva do encontro com o diferente se faça presente, em algum grau, no senso comum que circula pela sociedade contemporânea, o autor aponta como a ênfase adquirida pelo domínio privado no cotidiano eclipsou o domínio público na vida coletiva.

Posto que as noções de público e privado não são fixas, mas construções sociais e históricas, convém delimitar o que tal dicotomia representou em tempos mais recentes. Thompson assume esta tarefa e qualifica o privado como “o que se esconde da vista dos outros, o que é feito em privacidade ou segredo ou entre um círculo restrito de pessoas”. O público, por sua vez, representaria “o que é visível ou observável, o que é realizado na frente dos espectadores” (THOMPSON, 2012, p. 112). Nota-se, portanto, que o conceito da visibilidade sintetiza tal dicotomia.

A vivência do dia a dia, muitas vezes, parece realizar movimentos contraditórios. Se, por um lado, a sociedade em geral passou a se resguardar mais a partir do século XIX, por outro, a tendência de tornar invisíveis para o grande público certos aspectos da vida aparenta ter atizado a curiosidade dos indivíduos em relação à intimidade alheia. Quando se trata de celebridades, por exemplo, a inclinação a explorar o âmbito privado se institucionalizou e, frequentemente, é endossada não apenas pelo público como também pelas próprias personalidades em questão. Ainda que não se qualifiquem exatamente como celebridades, cada vez mais essa propensão tem ocorrido com figuras públicas:

No fim do ano passado, Marcela pensou que esperava o segundo filho, mas foi um alarme falso. “No final, eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país”, conta tia Nina, irmã da mãe de Marcela. Ela se refez do sobressalto, mas não se resignou – ainda quer ter uma menininha (LINHARES, 2016).

O trecho demonstra a tendência de subverter a invisibilidade prevista nos alicerces da cultura contemporânea em relação ao âmbito do privado. Atualmente, no entanto, o ciberespaço atesta que não é somente a intimidade dos famosos que povoa o imaginário coletivo, mas também as particularidades dos indivíduos anônimos. Ainda que a visibilidade destes seja, a princípio, mais restrita do que a da grande mídia, hoje em dia uma grande quantidade de indivíduos pode expor a sua vida privada com facilidade expressivamente maior do que em períodos históricos anteriores.

Tudo aquilo que antes concernia à pudica intimidade pessoal tem se “evadido” do antigo espaço privado, transbordando seus limites, para invadir aquela esfera que antes se considerava pública. O que se busca nessa exposição voluntária que anseia alcançar as telas globais é se mostrar, justamente: constituir-se como um personagem visível. Por sua vez, essa nova legião de exibicionistas satisfaz outra vontade geral do público contemporâneo: o desejo de espionar e consumir vidas alheias (SIBILIA, 2010, p. 53).

É possível supor que estejamos vivendo um período de transição e que novos parâmetros sobre os domínios públicos e privados se esbocem no tempo presente. Sibilia (2016) adota o termo “extimidade” para caracterizar esta intimidade exteriorizada, fruto de performances em redes sociais. Embora seja forçoso reconhecer que a representação dos sujeitos online é menos espontânea do que os usuários pretendem, não se pode negar que as fronteiras entre vida pública e vida privada tenham adquirido fluidez.

A autora lembra-nos de que as barreiras da visibilidade estão ruindo. Tal desmoronamento, contudo, não aparenta ser motivado unicamente por exibicionismo, mas também por uma vontade de tratar dos temas relevantes para a sociedade. No cotidiano capitaneado por Instagram, Facebook, Twitter e Snapchat mesmo as discussões de caráter coletivo parecem ganhar contornos particularizados e ajudar a compor a imagem do usuário de mídias sociais. As novas formas de atuação na esfera pública talvez reflitam a emergência de outros modos de subjetividade. A fim de compreender o que está nascendo torna-se necessário lembrar o que já se passou, intento ao qual nos dedicaremos brevemente a seguir.

5. A esfera pública

Habermas (2003) explica que, originalmente, a esfera pública burguesa era formada por um público de pessoas privadas que construíam a opinião pública com base na racionalidade do melhor argumento e fora da influência dos poderes político e econômico. O fortalecimento do debate entre os indivíduos foi imensamente influenciado pela ação da imprensa no século XVIII³. Tal otimismo do autor com as potencialidades midiáticas, no entanto, arrefeceu com o desenvolvimento de uma indústria da mídia e o uso desta para fins particulares.

De modo análogo, apesar do surgimento promissor, a esfera pública teria sido refeudalizada pelo Estado – a exemplo da convergência das discussões públicas em torno da nobreza na Idade Média – e pelos compromissos com os interesses privados da burguesia. Por conseguinte, a coesão pública rompeu-se, e tanto o potencial de debate crítico quanto o sustentáculo coletivo que estiveram no cerne da esfera pública burguesa se deterioraram.

Este suposto esvaziamento da vida coletiva foi definido por Sennett (2014) como o declínio do homem público: no atual cenário de exaltação da vida privada, as formas de sociabilidade e de participação política seriam orientadas, majoritariamente, sob a égide dos interesses particulares e das relações de intimidade. Para explicar o referido panorama faz-se necessário resgatar o período de ascensão da burguesia, no qual a família se consolidou como o modelo ideal dos vínculos sociais.

As relações marcadas pela impessoalidade, então, adquiriram ares de inferioridade frente aos laços mais estreitos. Como consequência destas novas institucionalizações, a vontade de moldar a esfera pública desgastou-se para dar lugar à perspectiva de que é necessário se proteger do domínio coletivo. Consequente ao crescente recolhimento e apatia em relação ao diferente, a família constituiu-se como um dos escudos com os quais o sujeito se protege das ameaças do mundo.

Alinhada ao apreço pela intimidade, persistiria no senso comum a tendência a focalizar mais em traços da personalidade de líderes políticos do que nas ações realizadas por estes no domínio público. Segundo Sennett (2014), a predisposição a tratar das complexidades sociais em termos psicológicos cria distorções no campo político, na medida em que questões sobre etnia, classe e religião são relegadas ao segundo plano.

A contemporaneidade costuma ser caracterizada pelo ocaso das grandes narrativas que explicariam a estrutura social. Isto, no entanto, está longe de significar que questões de classe, etnia e religião não se mantenham relevantes. Os discursos que atravessam as redes sociais online

sugerem que estes temas são trazidos a público, mas geralmente tal resgate se expressa a partir de experiências individuais: ainda que não se identifiquem explicitamente com grandes instituições ou estruturas, uma pluralidade de relatos pessoais eventualmente se aproxima das temáticas que concernem à coletividade.

Afiliado a uma linha de pensamento mais positiva, Thompson (2010) parece antecipar esse prognóstico ao defender que no século XX experimentou-se não uma refeudalização da esfera pública, mas o surgimento de uma nova categoria desta, determinada pelo contato mediado. Tal ordenamento teria originado uma intimidade não recíproca e à distância, que “deixa os indivíduos com a liberdade de definir os termos do engajamento e de intimidade que desejam ter com os outros” (THOMPSON, 2012, p. 191). Esta relação seria uma marca do nosso tempo e poderia configurar-se como a principal força organizadora da vida social e do *self* do indivíduo. A busca por vínculos de intimidade ditaria até mesmo a conduta dos indivíduos em relação a figuras com as quais dificilmente a maioria da população chega a manter contatos face a face, como as celebridades. Por tal ângulo, a mídia estabelecer-se-ia como mecanismo intermediário entre o alvo da adoração e o público disposto a desenvolver um elo afetivo à distância.

Observa-se que, desde o título, a matéria “Marcela Temer: bela, recatada e do lar” tenta compor certa narrativa da intimidade. Em vez de enfatizar questões de interesse público, ou seja, aquelas com potencial de influenciar no cenário político e nos acontecimentos que afetam a coletividade, a reportagem restringe-se à vida doméstica e familiar do casal. O seguinte trecho é capaz de ilustrar tal intento:

Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 75 anos, levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas “Mar” e “Mi”, como são chamados em família (LINHARES, 2016).

O emprego dos apelidos de Marcela e Michel revela um esforço para exibir traços de familiaridade que substituam o tradicional distanciamento da cerimônia política. A matéria nestes moldes poderia atender a uma demanda do corpo social identificada por Thompson (2012): a de relacionar acontecimentos que fogem da compreensão dos indivíduos a contextos de sua própria vida. Pois o retrato de uma personagem, destaca Vilas Boas (2003), pode irradiar um contexto

histórico-social mais amplo ou encarnar situações e emoções que reflitam questionamentos gerais e a própria natureza humana.

A reação majoritariamente crítica e irônica à reportagem nas redes sociais online, entretanto, sugere que as pessoas não se identificaram com as referências apresentadas. O cotidiano de Marcela reflete uma realidade na qual dificilmente a maior parte da população sentiu-se representada, tanto por seu aspecto luxuoso quanto pela valorização de um ideal de mulher restrita aos domínios do lar. Em vez de irradiar um amplo contexto social, a notícia dedica-se a transformar⁴ atividades aparentemente ausentes de relevância pública em eventos dignos de cobertura jornalística.

A repercussão que se seguiu parece refletir transformações no panorama da comunicação social. Ao nos voltamos para as redes sociais online, é possível perceber a influência de acionistas e desenvolvedores nestas plataformas, principalmente no que tange ao formato e à estrutura. Embora o conteúdo também sofra interferências, seja por meio de sugestões, restrições à visibilidade ou lançamentos de novos recursos tecnológicos, os usuários parecem manter-se como atores importantes no que tange a produção de informação que circula pelas redes do ciberespaço.

Quando comparada às mídias de massa tradicionais, a função de mediação dos proprietários e dirigentes parece mostrar-se de forma eclipsada, e as possibilidades de os indivíduos conversarem diretamente uns com os outros é potencialmente maior. Nota-se, então, que por mais que as circunstâncias oferecidas no ciberespaço não se configurem como uma esfera pública nos moldes idealizados por Habermas (2003), avanços em relação às potencialidades de discussão coletiva podem ser detectados na atualidade.

Contudo, há limitações que precisam ser levadas em consideração, tais como a comercialização crescente dos espaços digitais, a organização do conteúdo através de algoritmos elaborados pelos desenvolvedores e o crescimento de perfis falsos e de mecanismos robotizados que influenciam nos debates travados nas redes.

6. Considerações finais

Ao longo deste estudo pudemos nos questionar sobre os paralelismos entre a cobertura jornalística da vida privada de celebridades e a representação da intimidade de figuras públicas. Primeiramente, identificamos que a construção da imagem de líderes via exibição da intimidade não é uma novidade no campo da política, mas tais estratégias parecem ter sido exacerbadas pelas

práticas e estrutura da comunicação de massa. Em seguida, averiguamos que o domínio público e o domínio privado são historicamente variáveis. Apontamos ainda que, atualmente, as discussões sobre assuntos referentes à coletividade muitas vezes são atravessadas por traços de “extimidade” e canalizadas por subjetividades performáticas

Ao discutirmos visões diversas sobre a esfera pública, avaliamos que, embora seja improvável que esta deixe de ser feudalizada pelos interesses privados, o ciberespaço parece abrir novas portas para o debate público e pode constituir um suporte poderoso para discutir, revisar e criticar valores morais e os assuntos que concernem à vida coletiva. A “celebrização” de figuras públicas no jornalismo parece mostrar-se cada vez mais difundida, mas as reações no ciberespaço indicam que este processo não tem sido passivamente aceito pelos usuários.

As transformações nos parâmetros de público e privado dão sinais de ter originado não apenas novas subjetividades, como também formas diversas de atuar na esfera pública. Assim como faz a matéria da *Veja*, a reação a essa se constitui em grande parte por intermédio do discurso da intimidade, que parece figurar como um alicerce para a subjetividade contemporânea. A partir de elementos particulares os internautas empenham-se em construir uma outra modalidade de esfera pública, que difere enormemente das que a precederam e não se mostra isenta de limitações. Ainda assim, compõe uma outra cartografia da comunicação, que ajuda a manter vivo o debate coletivo e a abrir espaço para representações mais plurais.

Notas

¹ A cobertura da imprensa dos EUA sobre a intimidade e a vida familiar de seus presidentes já se mostrava notória na década de 1950 e demonstra como tais abordagens não são recentes na história do jornalismo.

² Nos últimos anos, o campo de pesquisa jornalístico tem questionado se a ausência de fundamentos básicos da reportagem permitiria que determinados conteúdos sejam qualificados como jornalismo. Este artigo reconhece a importância desta discussão, mas considera o veículo e a editoria em que as reportagens utilizadas nos exemplos foram inseridas para referir-se a elas como notícia.

³ Tal perspectiva sobre a esfera pública foi seguidamente criticada por mostrar-se condescendente com o caráter restrito de sua constituição. Na realidade do século XVIII, os que podiam adentrar na referida esfera pública eram homens, burgueses e letrados, o que excluía a maior parte da população. O próprio autor concordou com a razoabilidade de algumas críticas e reconheceu as limitações de seu trabalho em edição revisada de *Mudança estrutural da esfera pública* (HABERMAS, 2014).

⁴ Esta possível espetacularização do cotidiano constitui um artifício bastante comum nas representações de celebridade, como atestam uma profusão de tabloides, revistas, sites de fofoca e programas televisivos e radiofônicos.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BOORSTIN, Daniel. *The image: a guide to pseudo-events in America*. Nova York: Vintage Books, 1992.
- BURKE, Peter. *A fabricação do rei: A construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio: Zahar, 2009.
- DRIESSENS, O. A celebritização da sociedade e da cultura: entendendo a dinâmica estrutural da cultura da celebridade. *Ciberlegenda*, v. 31, 2014, p.8-25.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador I*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.
- FRANÇA, Vera. *Celebridades no século XXI: transformações no estatuto da fama*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e do lar. *Veja*, 16 abr. de 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 24 jan. 2017.
- LITTLER, J. Celebrity. In: MILLER, T. *Routledge Companion to Global Popular Culture*, v. 1, 2017.
- MATOSO, Filipe. Temer e Marcela buscam filho na escola no 1º dia de aula em Brasília. G1, Brasília, 26 jul. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/07/temer-e-marcela-buscam-filho-na-escola-no-primeiro-dia-de-aula.html>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- MEYERS, E. Can you handle my truth? Authenticity and the celebrity star image. *The Journal of Popular Culture*, v. 42, 2009, p. 890-907.
- SIBILIA, P. Celebridade para todos: um antídoto contra a solidão? *Ciência & Cultura*, vol. 62, 2010, p. 52-55.
- _____. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.
- SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- _____. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- THOMPSON, J. Fronteiras cambiantes da vida pública e privada. *Matrizes*, v.1, 2010, p. 11-36.
- THOMPSON, John. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- VAN KRIEKEN, R. *Celebrity society*. Londres: Routledge, 2012.
- VILAS BOAS, S. *Perfis e como escrevê-los*. São Paulo: Summus Editorial, 2003.